

PRAGMÁTICA E ESTILÍSTICA: ALGUNS PONTOS DE INTERSEÇÃO

José Lemos Monteiro¹

Resumo

Este estudo discute a questão das fronteiras entre a Estilística e a Lingüística, evidenciando alguns pontos de contacto que sugerem uma identidade de assuntos tratados. O foco principal se refere à descrição de certos fenômenos (entre os quais o significado metafórico, o implícito e a noção de dêixis) que, embora requisitados pela Pragmática, são de amplo rendimento estilístico. Opina-se ao fim que a Lingüística tem cada vez mais incorporado temas de outras disciplinas, quase se tornando inoperante qualquer tentativa de demarcação.

Palavras-chave: Estilística, Pragmática, linguagem, significado expressivo.

Abstract

This study discusses the question concerning the borders between Stylistics and Linguistics, highlighting some points that suggest an identity of issues that have been analyzed. The main focus refers to the description of certain phenomena (for example, the metaphoric meaning, the implicit and the deixis notion) that, although requested by Pragmatics, are of wide stylistic revenue. At the end, one concludes that Linguistics has been incorporating themes of other disciplines more and more, so that it is very difficult to establish a border between them.

Key-word: Stylistics, Pragmatics, language, expressive meaning.

INTRODUÇÃO

Quando se penetra no estudo do significado das formas lingüísticas, o objeto específico de certas disciplinas se torna difícil de ser delimitado. Assim ocorre, com bastante in-

tensidade, entre a Semântica e a Pragmática. Lemos em Levinson (1983) que a Pragmática é o estudo de todos os aspectos do significado não estudados pela Semântica. Ora, que aspectos serão esses? E, se realmente forem todos os excluídos pela Semântica, deduz-se que os de interesse da Estilística terão que fatalmente ser absorvidos pela Pragmática.

Foi a partir dessa dúvida que decidimos refletir um pouco mais sobre as fronteiras da Lingüística. À medida que esta ciência se dedica cada vez mais a deslindar os fenômenos do discurso e se vale de elementos de ordem contextual, o alargamento de seu escopo passa a englobar assuntos antes por ela rejeitados. E, assim, os temas atualmente investigados quer pela Semântica e Pragmática, quer pela Lingüística Textual e Análise do Discurso, tornam cada vez mais tênues os limites entre a Estilística e a Lingüística.

O trabalho que ora apresentamos não pretende rastrear todos os pontos comuns nem muito menos buscar uma proposta de delimitação das diversas áreas: move-se apenas no intuito de sugerir que algumas constantes preocupações da Estilística (a importância da noção de contexto, a natureza do processo metafórico, as particularidades da dêixis, o significado implícito etc.) são hoje tratadas, sob outro enfoque, pela Pragmática.

CONCEITUAÇÃO DE PRAGMÁTICA

Para melhor discutir o problema, vejamos algumas conceituações básicas. De acordo com o que lemos em Levinson (1983), a Pragmática pode ser definida como:

- a) o estudo dos princípios que explicam por que certas sentenças são impossíveis ou anômalas;
- b) a interpretação da linguagem numa perspectiva funcional, ou seja, a explicação das múltiplas facetas da estrutura lingüística relacionadas a causas e eventos extralingüísticos;

¹ Professor Titular da Universidade de Fortaleza.

- c) o estudo das associações entre linguagem e contexto, desde que sejam gramaticalizadas ou codificadas na estrutura lingüística;
- d) as investigações lingüísticas que fazem referência necessária a aspectos do contexto (identidade de participantes, parâmetros espacial e temporal, crenças, conhecimentos e intenções dos interlocutores).

Em linhas gerais, pode-se pois entender que a Pragmática procura interpretar o significado no enunciado, enquanto a Semântica se limita ao estudo do lexema e da proposição. Dessa forma, a própria intenção comunicativa tem que ser levada em conta nessa perspectiva, dado que o significado latente ou aquilo que o falante pretende dizer nem sempre equivale ao conteúdo convencional da(s) frase(s) por ele proferida(s).

Allwood (1981), cuja explanação não difere substancialmente da de Levinson, afirma que a dependência contextual do significado é o traço que separa a Pragmática da Semântica. Mas explora outra distinção a partir das noções de significado literal, o qual seria reservado especificamente à Semântica. E aí acaba percebendo que, por esse ângulo, o problema não será suficientemente resolvido, o que o leva mesmo a admitir a inexistência de um método eficaz que delimite objetivamente as fronteiras das duas disciplinas.

CONCEITUAÇÃO DE ESTILÍSTICA

Se não é simples o problema da separação entre os assuntos que competem à Semântica e os que se circunscrevem à órbita da Pragmática, mais confuso se torna ainda quando se pensa em outra disciplina, a Estilística, cujo objeto não deixa de ser também uma das dimensões do significado. Há tanta confluência de temas que a distinção, se houver, deve centrar-se quase que exclusivamente na forma de tratá-los.

Se enfocarmos o problema desde Bally (1951), veremos que à Estilística tem sido reservado o estudo dos fatos expressivos da linguagem sob o ângulo do conteúdo afetivo, ou seja, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos lingüísticos sobre a sensibilidade. Mas, além de alguns pontos de conceituação difícil, como o de saber realmente o que é um fato ou significado expressivo, com frequência não é possível distinguir bem os campos da Estilística e da Lingüística.

Alguns procuram perceber as diferenças na base da dicotomia *langue x parole*. Desde que se admita esta dualidade, sugere Dámaso Alonso (1950), a Estilística deverá centrar-se no discurso, enquanto a Lingüística descreverá a língua. Ora, pelos próprios estudos de Bally, parece lícito falar-se do estilo da língua, definido como a totalidade dos elementos expressivos, observáveis em quaisquer de seus níveis estruturais. E, por outro lado, as tendências atuais da Lingüística já incorporam em seu escopo a análise dos elementos do discurso.

Outros tomam por base distintiva as funções da linguagem propostas por Bühler. Nessa linha, Câmara Jr. (1977) separa a Lingüística da Estilística, conferindo àquela a preocupação com a função representativa da linguagem e a esta, a tarefa de descrever os fatos relacionados à manifestação psíquica.

Aliás, observa Ullmann (1968), o próprio Bally, em suas primeiras reflexões, já havia limitado o alcance da Estilística ao estudo dos elementos emotivos. Percebendo depois que esse objetivo era bastante restrito, terminou por substituí-lo pelos fatores expressivos da linguagem. E assim, para Bally, a tarefa da Estilística ficou sendo a busca dos tipos expressivos que, num dado período, servem para traduzir os estados mentais e emocionais dos falantes, bem como o estudo dos efeitos produzidos espontaneamente nos ouvintes, pelo emprego desses tipos.

Tudo isto nos leva a crer que a Estilística se diferencia da Semântica pela pretensão de desvendar os matices afetivos que instauram a linguagem conotativa. Mas, por não se apegar apenas ao significado literal e valer-se de dados contextuais como subsídios para a interpretação, aproxima-se da Pragmática e com esta disciplina mantém várias afinidades.

ALGUNS PONTOS DE INTERSECÇÃO

Pelo que supomos, a distinção entre Estilística e Pragmática se encontra menos no objeto de estudo do que nos objetivos que se propõem. A Estilística, preocupada inicialmente com os elementos afetivos da linguagem, acabou sendo orientada precipuamente para as manifestações estético-literárias, onde sem dúvida se detectam com mais frequência os fenômenos expressivos. A Pragmática, voltada para uma visão totalizante do uso lingüístico, não se detém exclusivamente nesses aspectos, senão que busca descrever os fatos e atos lingüísticos, sem prescindir dos dados contextuais que atuam no significado.

Convém, pois, vislumbrar alguns pontos de intersecção. E o primeiro que nos surge é a questão da linguagem figurada. Desde a Retórica aristotélica, a metáfora tem sido o foco de várias análises e teorias. Nos domínios mais diversos, o processo metafórico tem servido para um aprofundamento maior nos mecanismos da comunicação humana. O tema não interessa apenas à Lingüística ou às disciplinas que, de uma forma ou de outra, tratam do fenômeno da expressividade. Tal como se lê em Rogers (1978), ele é o vértice para onde convergem as especulações psicanalíticas que buscam explorar o inconsciente por intermédio da interpretação de símbolos. Não é custoso admitir, seguindo os argumentos de Normand (1976), que a geração de uma metáfora envolve sempre a participação do inconsciente.

Mas deixemos de lado esse ângulo da questão, uma vez que nos toca muito mais o tratamento que a Lingüística e a Estilística conferem ao assunto, cuja importância é estimável pela enorme quantidade de ensaios e estudos publi-

cados. Como exemplo, mencionamos o de Mooij (1976), para quem o principal problema relativo a uma investigação teórica da metáfora, quer sob o enfoque da Lingüística Geral e da Filosofia da Linguagem, quer sob a óptica das disciplinas ligadas ao fenômeno literário (incluída entre elas a Estilística), reside no papel exercido pela referência.

Uma distinção curiosa nos é oferecida por Ricoeur (1975). Segundo este autor, a metáfora é estudada em níveis diferentes consoante as disciplinas que dela se ocupam. Assim, enquanto ao nível da palavra a metáfora é tratada pela Retórica, ao nível do enunciado ela passa a ser objeto da Semântica e da Semiótica (*sic*). E, se transcende a ambos, torna-se a preocupação central da Hermenêutica. Conforme entende Ricoeur (1975), a progressão de uma disciplina a outra segue a das entidades lingüísticas correspondentes: a palavra, a frase e finalmente o discurso.

Ignoramos até que ponto é válida esta distinção. Mas, sem pretender considerar a Hermenêutica como disciplina idêntica à Estilística, sabemos que o método estilístico não se resume apenas ao estudo isolado de metáforas enquanto palavras, conforme se fazia na Retórica antiga. Há todo um esforço integratório no intuito de observar o entrelaçamento das metáforas presentes num dado discurso, com vistas a que a interpretação textual seja alcançada em sua integridade.

Assim sendo, para ser plenamente decodificada, a metáfora requisita o envolvimento de fatores co(n)-textuais. Em certa medida, são eles que elucidam a verdadeira intencionalidade do usuário da língua e é por levá-los em conta que os métodos empregados pela Pragmática são da maior eficácia.

Lembremos ainda, relacionada a este assunto, a questão do significado implícito. Se a obra literária é aberta e ambígua, conforme teorizou Umberto Eco (1968), a interpretação estilística pode render muito se levar em consideração as descobertas levadas a termo dentro da Pragmática. A título de ilustração, o ensaio de Ducrot (1972), sendo uma exaustiva reflexão sobre o fenômeno do significado oculto ou subentendido (pressuposições, implicações), fornece uma excelente contribuição aos estudos de Estilística. Seria, sem dúvida, o caso de se pensar numa aplicação desses métodos à análise de obras marcadamente estruturadas na base de ironias ou de ambigüidades, como os romances machadianos.

Consideremos mais um ponto de convergência:

Todos os que lidam com a Pragmática conhecem o trabalho de Grice (1982) sobre as máximas conversacionais. Grice parte do *princípio da cooperação*, pelo qual a comunicação entre duas ou mais pessoas só pode funcionar bem se os participantes estão dispostos a cooperar. Este princípio geral abarca quatro máximas classificadas como de *quantidade*, *relação*, *qualidade* e *modo*. A de quantidade apresenta duas regras:

- a) Dê a informação que é requerida.
- b) Não informe mais do que o necessário.

Analogamente, a de qualidade se subdivide em:

- a) Não expresse o que acredita ser falso.
- b) Não diga o que carece de evidência adequada.

Outras regras podem ser citadas, como as que se enquadram na máxima de *modo* ou *maneira*:

- a) Evite a obscuridade de expressão.
- b) Evite a ambigüidade.
- c) Seja breve.
- d) Seja ordenado.

É certo que não se pode desvalorizar o esforço de Grice, sobretudo pela descoberta de que a conversação tem uma lógica e, como tal, se sujeita à análise e sistematização. Além disso, certos fenômenos pragmáticos tem uma compreensão mais nítida, se não se perder de vista a existência das máximas conversacionais. A implicatura, por exemplo, nada mais é do que o resultado da violação de uma dessas regras, qual seja a de que não se comunica o óbvio. As tautologias (“um rei sempre é majestade”) têm sempre algo mais a dizer do que a pura repetição de palavras sinônimas.

Aliás, essa consciência de que deve haver um significado implícito, quando os enunciados não parecem relevantes, tem originado uma multiplicidade de interpretações de textos literários escritos sem outra pretensão, senão a puramente descritiva. A esse propósito, Manuel Bandeira escreveu dois poemas bem simples, que lhe causaram surpresa pelas repercussões que tiveram. Deram-lhes as mais inesperadas interpretações, causando perplexidades no autor, que não desejou (conscientemente) expressar nada daquilo que descobriram. Na realidade, segundo o depoimento do próprio poeta (Bandeira, 1957), no “Poema do Beco”, ele apenas pretendia dizer que só via de seu quarto a miséria das pessoas que passavam pelo beco onde morava, situado no bairro da Lapa:

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?

— O que eu vejo é o beco.

E, em “Boi morto”, ele não fez outra coisa senão relembrar uma cena que presenciou numa cheia do rio Capibaribe: um simples boi morto carregado pelas águas. Mas ambos os textos, por parecerem tão simples e banais, não puderam ter uma interpretação literal. Teriam que ter significados implícitos, teriam que forçosamente ser relevantes. Não se concede o direito de alguém, sobretudo um poeta maior, decidir comunicar o óbvio. E assim o significado do não-dito passa a ser inferido de dados que se relacionam ao contexto da produção estética do autor.

Ainda com relação às máximas de Grice, sentimos que elas se assemelham muito aos princípios que, segundo os antigos retoricistas, regem o uso elegante e adequado da linguagem. Assim, para Aristóteles (*Arte retórica*, p. 208), a principal virtude do estilo consiste na clareza. E acrescenta que, se o discurso não tornar manifesto o seu objeto, deixa de cumprir a sua finalidade. Recomenda também a concisão:

Tudo quanto se ajunta para um ouvinte, a par da questão, não faz mais do que dissipar a clareza e acumular trevas (ib. p. 214).

Mas, adiante, pondera:

Se é prolixo, cessa de ser claro, do mesmo modo que se for demasiado conciso (ib. p. 245).

Das cinco condições que estabelece para que o estilo esteja de acordo com o espírito da língua, destaca a ordenação das frases e a necessidade de “evitar expressões anfibológicas, a não ser que propositadamente se tome o partido contrário” (ib. p. 218).

Em Roma, Horácio expõe princípios semelhantes, ressaltando a brevidade entre as virtudes primordiais: “breuis esse laboro, obscurus fio” (*Arte poética*, p. 54). E tais preceitos ecoam nos tempos modernos: se folhearmos os nossos antigos manuais de estilo, não nos surpreenderemos com a reiteração das mesmas máximas. Um desses livros tradicionais foi escrito por Oiticica (1925), de onde se destacam trechos como o seguinte:

Só o essencial, nada que o leitor não possa, por si mesmo, repensar. Recorrer a muitas palavras para exprimir poucas idéias é sinal infalível de mediocridade (p. 40).

Ou como este:

A verdadeira brevidade da expressão consiste no dizer somente o que deve ser dito (p. 61).

Oiticica transcreve também leituras complementares de outros autores, que encerram recomendações no sentido de que sejam observadas as qualidades (concisão, clareza, originalidade etc.) e evitados os vícios do estilo (obscuridade, anfibologia ou ambigüidade, prolixidade etc.). Entre essas recomendações, as do filósofo Schopenhauer:

Evite-se, conseqüentemente, toda prolixidade e todo encrustamento de notículas insignificantes que não pagam a pena de ser lidas. Devemos economizar o tempo, os esforços e a paciência do leitor” (Oiticica, 1925: 39).

Tudo isto mostra que as máximas que presidem as formas expressivas do uso da linguagem não são diferentes das que, segundo Grice, regem a conversação. Mas não queremos dar a entender que a Estilística se confunde com a Retórica clássica nem que os propósitos de Grice constituem uma retomada, pura e simples, de princípios há tempos explorados. Na realidade, a Retórica tinha uma preocupação normativa, enquanto os objetivos da Pragmática são basicamente descritivos.

A esse respeito, é oportuno ter em mente a opinião de Lavandera (1985), segundo a qual as propostas sugeridas por Grice devem ser vistas com muito cuidado porque, se forem interpretadas literalmente, dão margem a juízos falsos. Lavandera acrescenta que Grice não é um ingênuo a

ponto de julgar que as pessoas só falam para dizer a verdade, que não dizem nada mais que o necessário e que sempre usam a língua de modo adequado. Se realmente ele tivesse acreditado nisto, pouco teria descoberto sobre o uso da língua. O ponto fundamental é que ele constatou uma espécie de jogo da linguagem, de que o falante e o ouvinte participam em função das normas conversacionais. Por isso, a menor transgressão a essas máximas acarreta sem dúvida implicaturas que fazem que o ouvinte entenda mais do que o falante expressa. Este, segundo Grice, sempre comunica muito mais do que aquilo que de fato diz. E, se assim é na linguagem coloquial, com muito maior intensidade o é também no discurso literário, passível de ser reinterpretado a cada nova leitura.

Não desejamos encerrar essa busca de identidades ou pontos de convergência sem antes tocar num dos itens mais fecundos da Pragmática, qual seja o que descreve o fenômeno da dêixis. As reflexões levadas a termo nesse sentido revelaram uma série de aspectos do significado que somente podem ser elucidados com a ajuda do contexto. No campo da moderna Estilística, o fenômeno também tem sido enfocado no plano da linguagem figurada, segundo nos informa Ramos (1974). É o que se denomina de *shifters*, figura em que participam sobretudo os pronomes (pessoais, demonstrativos etc.) e os advérbios de tempo e lugar.

O que há de curioso é que, no caso do texto literário, quando se processa verdadeiramente a identificação entre autor e leitor, o *eu* passa a ser este último porque, no dizer de Cohen (1966), a linguagem escrita está *hors situation*. Dessa forma, ao ler um romance, a significação dêitica se transmuda do narrador para o narratário, do mesmo jeito que, ao declamar um poema intimista, todas as referências se transferem para o lado do declamador.

Aliás, em textos narrativos, as palavras de significação dêitica constituem a base da estruturação dos chamados discursos direto, indireto e indireto livre. Vários trabalhos de cunho estilístico foram levados a efeito no sentido de analisar os procedimentos e o rendimento expressivo de cada uma dessas modalidades de discurso, destacando-se entre nós o estudo de Câmara Jr. (1962) sobre o discurso indireto livre em Machado de Assis.

Em suma, tudo o que se refere à questão da referência parece ter um amplo rendimento estilístico. E não será fora de propósito afirmar que as conclusões já alcançadas nos estudos de Pragmática sobre as constantes mudanças de perspectiva das indicações de caráter espacial ou temporal podem muito bem ser aproveitadas para a análise de textos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao sedimentar as bases da Lingüística moderna, Saussure estabeleceu ou retomou algumas celebres dicotomias, entre as quais a que configura o signo, entidade constituída de um significante e um significado. Este, na visão de Saussure, foi identificado com o conceito ou imagem mental do objeto

representado, definição que serviu por algum tempo para balizar a área da Lingüística na órbita da Semântica.

Bally percebeu que, a par dos traços conceituais ou intelectivos, era preciso não esquecer os elementos afetivos da linguagem e, com isso, fundou uma nova disciplina, a Estilística, voltada inicialmente para os fatos expressivos da fala espontânea. Tudo, então, parecia bastante simples: o significado conceitual seria estudado pela Lingüística, enquanto os matizes afetivos comporiam o objeto da Estilística.

Não obstante, à medida que as pesquisas nesse âmbito se sucederam, descortinaram-se novas zonas de aplicação e a Lingüística passou a encarar o significado de forma mais ampla, alargando pois os limites da Semântica.

Por outro lado, as fronteiras da Estilística sofreram modificações de toda ordem. Se Bally lhe atribuiu como tarefa específica a análise dos traços afetivos da linguagem, Dámaso Alonso (1950), insatisfeito com esta visão fragmentária do significado, doutrinou que a Estilística deveria abarcar a totalidade dos elementos significativos (conceituais, afetivos e imaginativos). Além desta divergência, se Bally entendeu que a fala coloquial e espontânea seria o campo propício para as observações de ordem estilística, inúmeros outros estudiosos do estilo elegeram quase que exclusivamente o discurso literário como fonte de suas investigações.

Dessa forma, hoje nos parece difícil estabelecer, se for o caso, as áreas de interesse que separam a Lingüística da Estilística. Se nos guiarmos pela percepção de Weinrich (1976), é-nos possível chegar à conclusão de que a Estilística, para ele concebível apenas como Estilística do texto, descreve o uso especial de determinados elementos da língua, indagando de que maneira dirige o autor a atenção de seu leitor num texto específico. A preocupação da Lingüística, embora referindo-se aos mesmos elementos, analisa o funcionamento deles em qualquer discurso, real ou possível de ser produzido numa dada língua. Mas qualquer distinção tende a tornar-se inoperante, à medida que se aproximam cada vez mais as fronteiras entre a Estilística e as disciplinas que se enquadram dentro da Lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOWOOD, Jens (1981). On the distinctions between Semantics and Pragmatics. In: KLEIN, W.; LEVELT, W. (eds.). *Crossing the boundaries in Linguistics*. D. Reidel Publishing Company, pp. 177-189.

ALONSO, Dámaso (1950). *Poesía española: ensayo de métodos y límites estilísticos*. Madrid: Gredos.

ARISTÓTELES (1996 [384-322 A. C.]). *Arte retórica e Arte poética*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Introd. e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

BALLY, Charles (1951). *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck.

— (1962). *El lenguaje y la vida*. 4. ed. Buenos Aires: Editorial Losada.

BANDEIRA, Manuel (1957). *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: São José.

— (1966). *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: J. Olympio.

CÂMARA Jr., J. Mattoso (1962). O discurso indireto livre em Machado de Assis. In: — *Ensaaios machadianos*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

— (1977). *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL.

COHEN, Jean (1966). *Structure du langage poétique*. Paris: Flammarion.

DUCROT, Oswald (1972). *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. Paris: Hermann.

ECO, Umberto (1968). *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva.

GRICE, H. P. (1982). Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas: UNICAMP, v. IV.

HORATIUS FLOCCUS, Quintus (65-8 A. C.). *Arte poética*. Introd. e coment. de Rosado Fernandes, Lisboa: Clássica, s/d.

LAVANDERA, Beatriz R. (1985). *Curso de lingüística para el análisis del discurso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

LEVINSON, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MONTEIRO, José Lemos (1991). *A estilística*. São Paulo: Ática.

MOOIJ, J. J. A. (1976). *A study of metaphor; on the nature of metaphorical expressions, with special reference to their reference*. Amsterdam: New York: Oxford: North-Holland Publishing Company.

NORMAND, Claudine (1976). *Métaphore et concept*. Bruxelles: Editions Complexe.

OITICICA, José (1925). *Manual de estilo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fco. Alves.

RAMOS, Maria Luiza (1968). *Fenomenologia da obra literária*. Rio de Janeiro: Forense.

RICCEUR, Paul (1975). *La métaphore vive*. Paris: Editions du Seuil.

ROGERS, Robert (1978). *Metaphor: a psychoanalytic view*. Berkeley: Los Angeles: London: University of California Press.

SAUSSURE, Ferdinand de (1949). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.

ULLMAN, Stephan (1968). *Lenguaje y estilo*. Madrid: Aguilar.

WEINRICH, Harald (1981). *Lenguaje en textos*. Madrid: Gredos.